

18º Congresso Brasileiro de Sociologia
26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)
Grupo de Trabalho: Literatura e Ciências Sociais

TRADIÇÃO VERSUS MODERNIDADE: *uma análise dos escritos da literatura dos sertões à luz da Teoria Social da Linguagem.*

Ana Paula Evangelista de Almeida – PPGCSO-UFJF

Bárbara Vital de Matos Oliveira – PPGCSO-UFJF

INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é discutir os apontamentos teóricos feitos por alguns autores contemporâneos, cuja vertente filosófica e sociológica muito contribuíram para se pensar uma teoria social crítica e inovadora. O ponto fulcral desenvolvido por estes autores tangencia a possibilidade de interpretação sociológica através das várias linguagens que regem a vida social. A partir destes apontamentos objetiva-se analisar os escritos da literatura dos sertões, tomando por base as narrativas de Euclides da Cunha, e Guimarães Rosa à luz desta teoria social. O percurso que se faz no decorrer deste artigo segue algumas leituras de Teoria Social e também escritos sobre modernização brasileira e nosso pensamento político. Ademais, os autores cânones das Ciências Sociais, como Florestan Fernandes e Antônio Cândido também realizaram uma série de apontamentos sobre estas obras, e este trabalho tomará como base tais considerações, para melhor associá-las as noções de tradição, tradução, processos de aprendizado e interpretação linguística presentes na obra, principalmente de Hans-Georg Gadamer.

Os autores bases para a discussão têm como unicidade em seus pensamentos a concepção de que a linguagem é capaz de fornecer mecanismos de interpretação da vida social e mesmo nortear os processos de interpretação e organização civis. Como destaca Giddens & Turner (1999) no livro *Teoria Social Hoje*¹, a ênfase na natureza metodológica do uso da linguagem nos contextos da vida social pode mostrar-se imediatamente relevante para questões de amplo significado da teoria social. Neste sentido, quando tratamos de Brasil e de seus processos históricos, sociais e políticos, tomamos por base as linguagens envoltas tanto na tradição quanto nos defensores da “modernização” do país para melhor compreender os mecanismos de dominação e organização civis que se estendem até os dias atuais e, segundo o professor Rubem Barboza (2011; 2015), atuam como um “*déficit* para a identidade do povo brasileiro”.

As obras principais cujos fundamentos teóricos serão apresentados dizem respeito à *Mente e Mundo* de John McDowell,² *Imaginários Sociais Modernos* de

¹ GIDDENS, A. e TURNER, J. **Teoria Social Hoje**. São Paulo: UNESP, 1999.

² MCDOWELL, John. **Mente e Mundo**. São Paulo: Ideias e Letras, 2005.

Charles Taylor³, *Verdade e Método* de Gadamer⁴, *Teoria da Ação Comunicativa* do Habermas⁵ e *A Invenção da Cultura* de Roy Wagner⁶, aparados por artigos de Margareth Archer⁷, Rubem Barboza⁸, Frédéric Vandenbergue⁹, que também tratam de temáticas paralelas, tais como racionalidade comunicativa, tradição, ação social, linguagem, processos de aprendizagem, secularização, estrutura, modernidade, entre outros, capazes assim de propiciar fertilidade a uma sociologia mais reflexiva e reconstrutiva, do ponto de vista da análise social.

Neste sentido, vale destacar que todos os autores consultados e lidos para a elaboração deste artigo propõem também uma superação da dicotomia natureza e cultura, tão influentes às noções sociológicas tradicionais, para pensarmos uma fusão entre elas. Partindo de uma noção de que é possível fazer traduções da ficção para a realidade, caminho apontado por McDowell através de uma “segunda natureza”, inferimos que para conhecer nosso objeto de estudo e as razões alheias que os empreendem, devemos partir de conceitos, experiências e atualizações permanentes.

Assim, quando recorremos à análise das obras de Euclides da Cunha, em especial *Os Sertões*¹⁰, e o *Grandes Sertões Veredas*, de Guimarães Rosa¹¹, devemos considerar todos os aparatos históricos que envolviam sua produção, a saber, o processo de transição da Monarquia para a República e a constituição ideológica de uma nação com base nos preceitos americanos e europeus. Ademais, o livro de Roy Wagner, *A invenção da Cultura*, permite pensar um novo caminho acerca das relações humanas, haja vista que este processo de modernização foi imposto ao longo da história no que tange a eurocentralização do mundo. Wallace Faustino Rodrigues Rocha¹² destaca que ao longo da formação democrática brasileira, houve uma forte

³ TAYLOR, Charles. *Imagários Sociais Modernos*. Paidós, Barcelona, 2006.

⁴ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 2.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

⁵ HABERMAS, J. *Teoria de la acción comunicativa: complementos y estudios previos*. Madrid: Cátedra, 1997

⁶ WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo, Cosac Naify, 2010.

⁷ Archer, M. *The Reflexive Imperative in Late Modernity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

⁸ BARBOZA FILHO, R. *A modernização brasileira e o nosso pensamento político*. Perspectivas: Revista de Ciências Sociais (UNESP. Araraquara. Impresso), v. 37, p. 15-63, 2011. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/3552>. Acesso em: setembro de 2016.

⁹ VANDENBERGHE, Frédéric, *Teoria social realista: um diálogo franco-britânico*. Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ 2010.

¹⁰ CUNHA, Euclides. *Os sertões*. Rio de Janeiro: Altaya; São Paulo: Record, 1998.

¹¹ ROSA, João G.. *Grande sertão: veredas*. Nova Fronteira, São Paulo, 2005.

¹² RODRIGUES ROCHA, Wallace Faustino. *A formação da sociedade civil no Brasil: o dilema entre sentimento e racionalidade*. Revista Ágora, Vitória, n. 18, 2013, p. 121-132.

influência do olhar ocidental sobre a aparente “desordem” da “cultura” ibero-americana. Logo, a proposta de modernização de nossas instituições deixa um legado de negação da tradição, quando esta modernização propõe uma concepção liberal republicana, aos moldes do ocidente. Não há, portanto, uma tradição sociológica brasileira identificada, os intelectuais brasileiros importaram as teorias sociológicas e políticas para explicar os processos de mudança social que aqui se encontravam. Os aparatos, digamos, ocidentais não dão e não deram conta de fazê-lo. Quiçá, as obras literárias escolhidas tornam-se interessantes neste aspecto, em especial, por traduzir as relações sociais presentes na cultura sertaneja, mostrando assim parte de um Brasil até então não conhecido e **reconhecido**.

Na primeira parte deste trabalho apresentamos uma resenha crítica das principais narrativas destes autores da literatura brasileira. Enquanto método de análise, recorreremos aos conceitos dos autores da Teoria Social, citados no decorrer deste trabalho e mesmo as noções de tradução em Gadamer. Tal metodologia tem como ponto primordial a elucidação de categorias que nos revelam como esses textos foram construídos, porque e quem se beneficia de seu discurso ou é colocado em desvantagem em virtude de tais construções. A proposta é abrir um leque de acréscimo teórico com base na Sociologia para entendermos melhor as narrativas descritivas e interpretativas destes autores. Deste modo, nosso trabalho soma-se a outros estudos sociológicos que empreitaram em traduzir e analisar suas obras, partindo dos clássicos como Florestan Fernandes e Antônio Cândido, para estudos mais recentes como de Maria José Rezende e Cerqueira Filho, pesquisadores deste campo que abrange Sociologia, Política e Literatura.

Destarte, a parte final deste trabalho pretende esboçar as concepções dos autores mencionados anteriormente acerca do papel das diferentes linguagens na interpretação e organização social, tendo por base as transformações ocorridas através da superação da linguagem do afeto pela linguagem da razão (BARBOZA FILHO, 2011; 2015). Também serão tratadas, neste capítulo, as críticas feitas por Rubem Barboza Filho acerca destes processos de assimilação das linguagens tradicionais e modernas por alguns historiadores e sociólogos brasileiros. A ideia é apontar que a linguagem da razão foi a principal base de análise para a interpretação desta transição brasileira, mas que, se tomássemos outras vertentes linguísticas para apreensão, como a linguagem do afeto, ou o método de Gadamer ou de outros autores de nossa atual Teoria Social, a leitura e compreensão ficaria mais enriquecida e clara.

1 TRADIÇÃO E TRADUÇÃO COMO MEIO PARA A INTERPRETAÇÃO LINGUÍSTICA

Na literatura, a fantasia nos devolve sempre enriquecidos à realidade do cotidiano, onde se tecem os fios da nossa treva e da nossa luz, no destino que nos cabe (CANDIDO, 1978, p. 139).

A tradição, para Gadamer, tem de ser analisada não no sentido de uma alteridade do passado, mas de deixar valer suas pretensões, reconhecer que ela, tradição, possui algo a nos dizer. Essa experiência hermenêutica tem a ver com a tradição. A tradição é linguagem, fala por si mesma. A tradição é também forma de autoridade e continua a influenciar e a determinar comportamentos sociais por ser a “forma de validade” dos costumes. Para Gadamer, a tradição se mantém viva em virtude de seu cultivo.

A proposta desta análise, nos termos de Gadamer, é reconstruir o sentido dessas obras transmitidas no passado e que estão, de certa maneira, desenraizadas de seu mundo original. Segundo o autor, os textos se inserem numa tradição e esta, por sua vez, tenta se autocompreender segundo sua época e seus interesses peculiares. Assim, pretende construir “uma teoria acerca de questões preliminares ligadas ao fenômeno da compreensão”, demonstrando a importância de se fazer perguntas, pois o conhecimento de que algo é ou não é como acreditávamos inicialmente (por isto, a ideia de uma pergunta hipotética, a ser testada) pressupõem a passagem pela pergunta. O que conduz uma pergunta determinada é um saber não determinado. O método proposto pelo autor refere-se a deslocar-se, ou seja, significa fundir o horizonte do passado com as concepções presentes, formando uma universalidade diferente das anteriores. A verdadeira experiência encontra a capacidade de fazer com que a autoconsciência de uma razão encontre o seu limite, a consciência da sua historicidade.

Antony Giddens, em seu livro *Política, Sociologia e Teoria Social* destaca que:

[...] as análises sociológicas que partem da centralidade da linguagem, funcionam como um meio organizador do “mundo vivido”. Para este autor a linguagem é essencialmente um fenômeno público ou social enraizado nas formas de vida (p. 294). A mesma é concebida não apenas como um conjunto de símbolos ou sinais, ou como um modo de representar as coisas, mas como “um meio de atividade prática”, um modo de fazer as coisas. A linguagem se realiza no interior de “formas definidas de vida” e é rotineiramente usada por atores leigos como o meio de organizar suas condutas sociais cotidianas (GIDDENS, *Política, Sociologia e Teoria Social*, 1998, p. 287).¹³

¹³ GIDDENS, A. *Política, Sociologia e Teoria Social*. São Paulo: Unesp, 1998

Segundo Antônio Cândido, desenvolver uma crítica literária é de extrema importância, pois podemos ir além do que a obra descreve, podemos ver nas entrelinhas. Assim, a questão que emerge quando se trata de discutir a literatura brasileira sertaneja é: Quais foram os alicerces acerca do imaginário brasileiro dado por estes autores a respeito de nossas instituições/nosso povo?

1.2 Breve resumo das narrativas de Euclides da Cunha e Guimarães Rosa

A obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha, foi dividida em três capítulos: I: A Terra (meio) em que ele analisa o condicionamento geográfico; II: O Homem (raça) em que analisa física e psicologicamente o sertanejo e III: A luta (momento) em que narra às quatro expedições do governo contra Canudos. O estudo de Euclides da Cunha acerca de Canudos representa um grande marco na literatura brasileira, apesar de seu pensamento estar transversalizado pelas teorias darwinistas e preconceituosas da época. Mas à medida que percorremos sua obra, é possível entender que nosso país é indubitavelmente diverso e, portanto, não pode seguir esta visão míope e eurocentrista de raça única, pois aqui o que impera é a diversidade; “o velho agregado colonial tendia a chegar ao nosso tempo, imutável, sob o emperramento de uma centralização estúpida – **realizando a anomalia de deslocar para uma terra nova o ambiente moral de uma sociedade velha**. Bateu-o, felizmente, a onda impetuosa do sul” (CUNHA, 1998, p. 95). Suas indagações suscitavam a seguinte questão: De que modo o país poderia mudar, se as ações governamentais não levavam em consideração a diversidade dos elementos formadores da nacionalidade brasileira?

Para Florestan Fernandes, o livro foi “o primeiro ensaio de descrição sociográfica e de interpretação histórico-geográfica do meio físico, dos tipos humanos e das condições de existência no Brasil.” (1977, p. 42)¹⁴, afirmando que Euclides da Cunha fez uma pesquisa de campo acidental e informal, contribuindo assim para a fundação dos primeiros pilares de uma reflexão acerca das singularidades socioculturais brasileiras.

Na primeira metade da obra, ele traçava um painel da rudeza e da incivilização do sertanejo; retratava o sertanejo como uma força social que lutava para redefinir as

¹⁴ FERNANDES, Florestan. **A sociologia no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1977.

suas condições através de uma força messiânica; estes sertanejos formavam um “complexo feroz de vitoriosos (bandeirantes) e vencidos (indígena).” (CUNHA, 1998, p. 113-114). Mas nos capítulos finais, ao analisar as posições dos habitantes das cidades diante do que estava ocorrendo em Canudos, ele concluía que o chamado Brasil civilizado não era superior em termos políticos, de modo algum, ao Brasil atrasado.

O movimento de Canudos ensinava que todo e qualquer processo de evolução social e política no país somente se efetivaria se fossem levadas em conta, segundo Euclides da Cunha, as singularidades culturais brasileiras. Assim como os sertanejos que, tanto de modo positivo quanto negativo, inovavam e, também, mantinham essencialidades de uma forma de organização social, os brasileiros de maneira geral não conseguiriam construir um processo de mudança totalmente transfigurador. Os elementos fundadores da civilização brasileira se fariam presentes indubitavelmente. (REZENDE, 2001, p. 220).¹⁵

O enredo de *Grande Sertões: Veredas* gira entorno das histórias de Riobaldo, fazendeiro do estado de Minas Gerais, ao contar sua vida a um ouvinte não identificado. São histórias de disputas, vinganças, longas viagens, amores e mortes vistas e vividas pelo ex-jagunço, nos vários anos em que este andou por Minas, Goiás e sul da Bahia. Toda a narração é intercalada por vários momentos de reflexão sobre as coisas e os acontecimentos do sertão e pelas questões internas e externas sentidas/vivenciadas por Riobaldo, por isto a ensaísta Dirce Cortes Riedel chamou a obra de “sertão construído na linguagem”. O sertão é:

“ [...] onde o pensamento da gente se forma mais forte que o poder do lugar”, é o *pathos* em que a vida contemplativa e absurda suplanta o automatismo da técnica moderna e do senso comum (“quando acordei, não cri: tudo que é bonito é absurdo - Deus estável”). Esse *páthos* é a altura desde a qual o homem transborda de sua individualidade e redescobre-se no mundo.”¹⁶

Antônio Cândido, em uma entrevista¹⁷ dada sobre a obra *Grande Sertões: Veredas*, de Guimarães Rosa, afirma que apesar de o autor estar fechado hermeticamente dentro do universo do sertão, apresenta muita exuberância verbal,

¹⁵ REZENDE, Maria José. **Os sertões e os (des)caminhos da mudança social no Brasil**. Tempo soc. vol.13 nº2 São Paulo Nov. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702001000200011. Acesso em: setembro de 2016.

¹⁶ **Bem vindo ao Sertão! Me apresento a suncê...** Disponível em: <https://virgulinoideocangaco.wordpress.com/bem-vindo-ao-sertao-me-apresento-a-sunce>. Acesso em: setembro de 2016.

¹⁷ CRUVINEL, Gilberto. **Grande Sertão Veredas: Antônio Cândido sobre Guimarães Rosa**. Disponível em: <http://jornalggn.com.br/blog/gilberto-cruvinel/grande-sertao-veredas-antonio-candido-sobre-guimaraes-rosa>. Acesso em: setembro de 2016.

contrapondo-se a tradição literária emergente, inclusive ao evidenciar o regionalismo, algo visto como ruim, perigoso e pitoresco para esta tradição. Segundo Cândido, Guimarães Rosa parte de tudo isso e consegue fazer uma coisa inteiramente nova, consegue fazer uma ficção realmente universal, apresentando todos os grandes problemas do homem; sua relação com o divino, sua relação com a natureza, sua relação com os outros homens e mesmo consigo. Ele fez o livro criar uma nova categoria que é transregionalismo ou surregionalismo, através de um enraizamento profundo no temário regional pitoresco com uma linguagem transfiguradora.

Um terceiro sertão, que transfigura os anteriores, e que os converte em palco de um combate universal, que tem como centro cada ser humano e o sertão – assimilado ao mundo inteiro – como teatro, em “Grande Sertão e Veredas”, de Guimarães Rosa. Desde a primeira página, observa Lourenço, estamos de fora de todas as visões geográfico-histórica-antropológicas do sertão, embora permaneça subjacente a visão do paraíso. Este sertão jagunço, de Riobaldo e Diadorim, não acolhe a tragicidade do sertão de Euclides, mas a outra face dele: a de um otimismo transcendente, que torna o sertão, sempre assimilado ao mundo, um horizonte quase encantado. (BARBOZA FILHO, 2008, p.8)¹⁸

Gadamer enfatizou que o indivíduo “vive na e por meio da linguagem” e compreender uma linguagem significa entender o modo de vida que essa linguagem expressa. A ênfase era sobre o que estava envolvido na apreensão do significado de textos históricos de longa duração e, neste aspecto, a literatura é de extrema importância, sua ficção é capaz de traduzir aspectos importantes da realidade histórica, demonstrando que a ciência, no sentido que lhe dá o cientismo, não é única forma correta de conhecimento. Para o autor, a arte, o mito e história são formas de conhecimento válidas, legando diferentes tipos de experiência.

Ao reagir a um postulado de regionalismo realista, Guimarães Rosa escapa da mera representação do objeto e procura construir sua arte no tecido linguístico em si. Sua narrativa é um convite ao leitor para uma viagem nos meandros da linguagem, cuja ambiguidade reflete uma ambiguidade da existência, traduzida na típica frase “(...) eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa.” (ROSA, 2005, p. 30).

¹⁸BARBOZA FILHO, Rubem. **Portugal e Brasil: colonização ou autocolonização**. Edição, Publicação, Rio de Janeiro: CNPq, FGV, CPDOC, 2008. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/laboratorios/Portugal_e_Brasil-colonizacao_ou_autocolonizacao.pdf. Acesso setembro de 2016.

2 TEORIA SOCIAL E AS LINGUAGENS DO AFETO E DA RAZÃO

Se por muito tempo a problemática central da Teoria Social abrangeu a dualidade de estrutura e ação, como propôs Giddens, ou mesmo na separação destas, onde uma sobrepuja-se a outra, como vemos nas análises dos autores clássicos, Durkheim, Marx e Weber, as concepções paradigmáticas modernas das Ciências Sociais, tal como apontado por Margareth Archer e Vandenbergue repousam sobre a superação desta dualidade.

Margaret S. Archer afirma que a função real da teoria social deverá ultrapassar a sociologia empírica. Há uma interdependência entre estrutura e agência, e sustenta também que ambas operam em escalas de tempo diferentes. A proposta da autora é que, enquanto cientistas sociais, possamos identificar as influências recíprocas entre disposições, reflexões e contextos de ação em uma teoria sociológica da autotransformação e mesmo de transformação social. Estas influências ficam evidentes na obra *Os sertões*, nas conclusões de Euclides:

Discordância absoluta e radical entre as cidades e as malocas de telha do interior, que desequilibra tanto o ritmo de nosso desenvolvimento evolutivo e perturba deploravelmente a unidade nacional. Viam-se em terra estranha. Outros hábitos. Outros quadros. Outra gente. Outra língua mesmo, articulada em gíria original e pinturesca. Invadia-os o sentimento exato de seguirem para uma guerra externa. Sentiam-se fora do Brasil. A separação social completa delatava a distância geográfica; criava a sensação nostálgica de longo afastamento da pátria. (CUNHA, 1998, p. 551)

As concepções teóricas de Archer complementam a análise destas duas obras literárias, haja vista que a primeira, de Euclides da Cunha, retrata exatamente o contato de um jornalista carioca, experenciado no contexto da República Velha com outra estrutura social, a vida sertaneja, que vivenciava um insulamento diante das circunstâncias sociais, econômicas e políticas que cerceavam o país.

Aparentemente a obra *Os sertões* estaria seguindo uma linearidade que vai da terra para o homem e para a cultura. No entanto, uma leitura atenta do primeiro capítulo deste livro mostra que o modo de Euclides da Cunha apresentar a paisagem física deriva de sua compreensão da paisagem social. Esta última é que fundamenta as suas reflexões sobre aquela primeira. Em várias páginas ele demonstrava a degradação no plano físico a partir da degradação social. Ele, muitas vezes, está falando das condições sociais e políticas nas entrelinhas quando fala da terra. A ideia de força e de violência

aplicada à constituição da paisagem física tinha fundamento na paisagem social. (REZENDE, 2001, p. 204).¹⁹

Já na segunda obra, de Guimarães Rosa temos a narrativa do personagem Riobaldo, em suas conversas internas, versando exatamente sobre suas inquietações acerca da vida agrestina, onde fica evidente a autotransformação do mesmo à medida que se relaciona com novas estruturas sociais. Suas conversas giram em torno das clássicas questões filosóficas ocidentais, que permeiam as linguagens da tradição e da razão, a saber, a origem do homem, a dicotomia entre o bem e o mal, as interpretações sobre Deus e o diabo e mesmo as questões sociais locais. Riobaldo está sempre se transformando, exibindo um vir-a-ser em sua personalidade e crenças: “(...) *o que mais penso, testo e explico: todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente de religião: para se desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara da loucura.* (ROSA, 2005, p. 32)”.

Para Frédéric Vandenbergue, o homem moderno viu-se extasiado pela capacidade de sua própria razão em interpretar a vida social, pois sempre buscou no interior dela o fundamento do próprio sentido da sua existência. Mas fica evidente que essa racionalidade lógica e fundacionista é limitada e imperfeita. Neste sentido, as relações entre civilização e barbárie, construção e destruição, conflito e conciliação, identidade e nacionalidade, próprios da emergência da modernidade, enfeixam os elementos centrais das narrativas presentes em ambas as obras; ou seja, o país caminhava no sentido da mudança civilizadora a partir da independência, da abolição e da República, no caso de *Os sertões*, qual era o sentido desse progresso estabelecido, se ele se dava por elementos construtivos e destrutivos? Ou ainda, os conflitos existenciais vivenciados por Riobaldo traduziam uma fratura entre a tradição e a modernidade, capaz de construir labirintos nas relações humanas?

Para Frédéric Vandenbergue, em se tratando de análise social quanto ao contexto da modernidade, novos paradigmas surgem envoltos na ideia de que o homem não é capaz de encontrar a verdade absoluta e que sua vida não só se constitui de raciocínio procedimental, mas de categorias antropológicas que possibilitam um olhar mais atento e autêntico para a vida.

Pode-se dizer que em *Grande Sertão Veredas* fica evidente a ideia do homem a mercê de seu destino, e principalmente, da natureza. A trajetória de

¹⁹ REZENDE, Maria José. **Os sertões e os (des)caminhos da mudança social no Brasil**. Tempo soc. vol.13 nº2 São Paulo Nov. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v13n2/v13n2a11.pdf> . Acesso em: setembro de 2016.

Riobaldo mostra que, apesar da inteligência, o homem não deve subestimar a força e os sinais da natureza, que só existem para mostrar até onde cada um pode ir. Em inúmeras passagens da obra há sinais que indicam que a natureza, de alguma forma, está tentando alertar sobre os perigos existentes. A frase que mais se destaca no texto é a que expressa que "Viver é algo perigoso". Ou seja, apesar de saber o quanto o sertão é traiçoeiro, os personagens insistem em "desafiá-lo", resultando em consequências que podem se mostrar trágicas. Seria mais conveniente, a partir de uma intensa análise da obra de Rosa, rever os conceitos já definidos e tender a abordar que, na verdade, o autor busca mostrar o quanto o homem está suscetível ao mundo que o cerca, e não ao contrário.²⁰

No que tange a teoria sociológica, Frédéric Vandenbergue critica as classificações polarizadas no interior da história da sociologia e propõem o resgate de outras polaridades a fim de reescrever e superar a deterioração desta concepção de análise: “[...] as estruturas sociais não operam pelas costas dos atores, mas trabalham indiretamente, por meio da cultura e da ideologia. Através da influência de *scripts* culturais e vocabulários de motivos, as estruturas sociais determinam as razões da ação” (2010, p. 22). A linguagem de Rosa constitui assim um universo novo, ao passo que reinventa a vida sertaneja, as falas, as angústias, as felicidades, as descobertas, os encontros e os desencontros sertanejos e humanos. Mais diretamente, podemos dizer que, para Rosa, o sertão é um mundo, grande labirinto, metáfora do nosso inconsciente – um espaço existencial – e um mundo confundido com linguagem original, poética e criadora, no sentido de que tudo pode ser visto – espaço e linguagem – como universo ainda virgem e puro de sentido. O Sertão é a morada do homem. Por isso, o sertão (**ser tão humano**) humano se mostra difícil e mutável. A luta do homem é a luta do sertão. “O sertão não tem janelas nem portas. E a regra é assim: ou o senhor bendito governa o sertão, ou o sertão maldito vos governa...” (ROSA, 2005, p. 374); “O sertão me produz, depois me engoliu, depois me cuspiu do quente da boca...” (ROSA, 2005, p. 443); “O sertão é do tamanho do mundo” (ROSA, 2005, p. 59); “O sertão é sem lugar” (ROSA, 2005, p. 268). “Sertão é isto, o senhor sabe: tudo incerto, tudo certo” (ROSA, 2005, p. 121)

O livro de Roy Wagner (2010) nos permite visualizar que todas as sociedades se inventam e reinventam conjuntamente: constituindo metamorfoses constantes e contínuas. No que diz respeito à produção literária destas duas obras, visualizamos uma ligação muito forte dos personagens com a vida natural, ambos os autores

²⁰ Bem vindo ao Sertão! Me apresento a suncê... Disponível em: <https://virgulinoreidocangaco.wordpress.com/bem-vindo-ao-sertao-me-apresento-a-sunce/>. Acesso em: setembro de 2016.

interpelam as descrições das vivências humanas com o ambiente da natureza, demonstrando assim uma junção entre natureza e cultura, apesar de ficar evidente a influência de um darwinismo social nas interpretações dos autores acerca de como o meio físico condiciona o homem sertanejo.

Para Roy Wagner (2010), a ideia de natureza e cultura é um processo de obviação mútua. O processo contínuo de obviação é que oferece estabilidade e mudanças. O mundo real funciona com base na invenção/criação e os processos deste mundo não são os mesmos. Todas as sociedades se inventam e reinventam conjuntamente: metamorfose contínua e constante. Este processo de invenção social e de imaginação criadora produz signos com poder de instituição social de identidades que, no caso das obras literárias analisadas, são marcadas pela oposição geo-simbólica sertão/litoral, em cujo curso se instaura a nação brasileira. O sertão aparece como desconhecido, diferente, problemático, deserto, longínquo, Brasil a ser, ignoto, outro Brasil. E no que tange ao contexto brasileiro, onde o processo de modernização foi imposto, observa-se circunstancialmente uma resistência por parte de grupos da sociedade que não estão convencidos com este mundo moderno e passam a se reinventar, como o caso da literatura sertaneja, presente na linguagem de Rosa.

Das cenas rosianas brotam espaços existenciais, interativos, vivos, por vezes personificados, verdadeiramente panteístas; brota um universo folclórico, cercado de transcendência; brota a vida enquanto existência exterior e interior, e a morte enquanto limitação; brotam assim belos, o amor, a comunhão, os rompimentos, os medos, as certezas, as angústias, as esperanças, as decepções, as descobertas, as perdas, Deus, o Demônio, o bem e o mal, as tensões entre o sujeito sertanejo e o sertão, entre o sujeito sertanejo e o outro, entre o sertão e o mundo, entre o mundo e a linguagem.²¹

Visualizamos, portanto, na obra de Guimarães Rosa, principalmente, uma antropologia do imaginário, com foco na memória e em narrativas orais, com centralidade no narrador e nos cambiantes sentidos agenciados, atravessados por múltiplas “veredas”.

2.1 A emergência da linguagem da razão através da Modernidade

“A história de cada instituição, de cada prática, acontece com a destruição de certos modos de desejo, que acontece em paralelo à criação, ou canalização, de outras formas. A natureza não cria

²¹ Disponível em: <http://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/grande-sertao-veredas-analise-da-obra-de-guimaraes-rosa/>. Acesso em: setembro de 2016.

*nações nem economias. Nenhuma ordem social está baseada
na algum desejo natural.” Jason Read²²*

A proposta deste subcapítulo é versar acerca de alguns pontos fundamentais de interpretação da vida social apresentados pela Teoria Social. As obras principais, cujos fundamentos teóricos serão apresentados dizem respeito à *Mente e Mundo* de John McDowell, *Imaginários Sociais Modernos* de Charles Taylor, *Verdade e Método* de Gadamer, *Teoria da Ação Comunicativa* do Habermas, aparados por artigos de Bárbara Freitag, Rubem Barboza, Jessé Souza, entre outros, que também tratam de temáticas paralelas, tais como racionalidade comunicativa, tradição, ação social, linguagem, processos de aprendizagem, secularização, estrutura, modernidade, entre outros, capazes assim de propiciar fertilidade a uma sociologia mais reflexiva e reconstrutiva, do ponto de vista da análise social.

Vale ressaltar que as descrições aqui serão breves e voltam-se para temas que dão suporte para a continuidade da análise das obras literárias citadas neste estudo. O ponto primordial tratado por estes autores envolve os processos de linguagem que ocorrem na transição de uma sociedade de afetos para uma sociedade racionalizada, assunto inclusive que propiciou a emergência da disciplina de Sociologia. Como destaca Habermas (1997), em suas falas e escritos, a ideia moderna de liberdade é a motivação mais forte para a passagem maciça de justificações substantivas para procedimentais no mundo moderno. Destarte, partiremos de uma descrição que abarca a noção de modernidade e as transformações que a mesma enseja na estrutura social, assunto comum a todos autores aqui citados sobre Teoria Social.

Em sua obra *Mente e Mundo*, McDowell expõem uma filosofia moral que correlaciona pares assimétricos para melhor compreender os processos internos e externos que abrangem a vida do homem em sociedade. Assim, o autor apresenta uma série de conceitos: razões internas e externas para agir, imperativos hipotéticos e categóricos, objetividade dos juízos, racionalidade e irracionalidade, virtude, valor, naturalismo e, em geral, as relações razão-natureza. Tais conceitos estão contidos de forma subliminar nas obras literárias analisadas, em especial na obra *Grandes Sertões Veredas* de Guimarães Rosa, principalmente no início da mesma, quando o

²²BARBOZA FILHO, R. **Economias do afeto: para uma crítica spinozista da economia política.** (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra), 2005. Disponível em: <http://uninomade.net/tenda/economias-do-afeto-para-uma-critica-spinozista-da-economia-politica/>. Acesso em: setembro de 2016.

personagem Riobaldo se vale da filosofia moral para tratar de suas inquietações e narrar sua trajetória de vida. Podemos também utilizar a noção de experiência como “abertura ao mundo” apresentada por McDowell e, neste sentido, compreender melhor as vivências do personagem Riobaldo, desde a ida para fazenda onde viria a ser professor até a integração como jagunço nos bandos sertanejos, pois traduzem as relações entre a razão humana e a natureza. O contato de Euclides da Cunha com o sertanejo a partir da ida a campo também se vale desta noção de experiência. É a partir da experiência em Canudos, da convivência com os combatentes que Euclides reconsidera suas colocações iniciais e percebe um outro Brasil, esquecido e rejeitado pela modernidade.

McDowell utiliza a experiência como perceptiva exemplar, já que o que está em causa em ambos os casos, quando se trata da mente e do mundo, é defender que não é verídico que toda a estrutura inteligível tenha ‘emigrado’ para fora do mundo, ou seja, a estrutura social não é capaz de condicionar todas nossas ações e, mais ainda, explicar todos os fenômenos sociais existentes, como propuseram os funcionalistas ou mesmo os interpretes do marxismo. Mas por outro lado, não são produtos meramente da ação e autonomia individual, como o fez Weber com a concepção de tipos ideais. Logo, as análises sociológicas e políticas empreendidas no país por teóricos do início do século XX, que ficaram presas a estas vertentes sociológicas (funcionalista/positivista, marxista e weberiana), deixam um legado de fraturas e opacidade no que tange a explicação de fenômenos coletivos e grupais de nossa sociedade brasileira. Segundo Rubem Barboza Filho (2011, p.36), “as revoltas e conflitos existentes no período de 1770 a 1930 nascem das demandas postas pela tradição, pela linguagem dos afetos, ao projeto modernizador organizado em torno da razão e do interesse, e conduzido pelo Estado”. As interpretações gerais que surgem nos anos 30 apontam para a coexistência de dois países – um litorâneo e adiantado, o outro interiorano e atrasado –, lição aprendida em *Os sertões*:

Euclides da Cunha demonstrou, através do movimento de Canudos, os descaminhos de uma nação que parecia, no início do séc. XX, ter optado por uma concepção de civilização desconexa em relação aos fundamentos da identidade social e da nacionalidade brasileiras. Ambas definidas em vista do enlaçamento das condições geográficas, topográficas, sociais, raciais e culturais. Ao pensar o homem situado no sertão e/ou na cidade ele construiu os parâmetros dos estudos de sociologia no Brasil que, a partir de então, passam a lidar, de modo persistente, com os encontros e os desencontros,

na maioria das vezes violentos, entre as duas civilizações ímpares que constituíam a vida nacional. (REZENDE, 2001, p. 220) ²³.

Considerando a proposta de analisar as questões sociais para além de um fenômeno apenas estrutural ou resultando somente da ação do homem, Frédéric Vandenbergue (2010) destaca que “a ação e a estrutura operam nos mais diferentes níveis de realidade, interpelando-se ao invés de sobrepor uma a outra, sejam eles micro, meso e macro, com ‘acoplamentos frouxos’ e ‘emaranhados múltiplos’: o macro está no meso e no micro, o micro no meso e no macro.” (2010, p. 22). Nessa perspectiva reconstrutiva, a tarefa de uma sociologia reflexiva é “reconectar o metateórico ao moral, o moral ao político e ambos ao pessoal, de modo a articular teoria e prática, estudo e engajamento (...). Na medida em que a ação social transformadora pressupõe a transformação de si, a teoria metacrítica é, com efeito, um modo de vida.” (2010, p. 27). Ambas as obras evidenciam estas interpelações da estrutura e ação, da associação entre cultura e natureza, homem e sociedade:

Assim pensando – e que se não irrite demais as sensitivas do nosso meio científico com esta arrancada feroz de nefelibatismo – eu vejo, e todos podem ver, no *jagunço* um corpo isômero do *sertanejo*. E compreendo que Antônio Conselheiro repontasse como uma “integração de caracteres diferenciais, vagos e indefinidos, mal percebidos quando dispersos pela multidão” – e não como simples caso patológico, porque a sua figura de pequeno grande homem se explica precisamente pela circunstância rara de sintetizar, de uma maneira empolgante e sugestiva, todos os erros, todas as credices e superstições, que são o lastro do nosso temperamento (CUNHA, Euclides, 1998, p. 594).

O senhor (...) Mire e veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão. (ROSA, Guimarães, 1986, p. 15).

Para Taylor, entre outras coisas, a modernidade envolveu uma revolução no imaginário social. E essa revolução acontece através de linguagens, cujo processo se dá através dos espaços de razões. Os processos de modernização, pluralização e secularização produziram uma crise de sentido, que afeta diretamente as instituições intermediárias (Taylor, 2006). Esta crise de sentido aparece presente nos conflitos religiosos vivenciados internamente pelo personagem Riobaldo, ora ele é muito crente em Deus, ora ele é descrente de tudo e tende a ver mais o Diabo presente nas

²³ REZENDE, Maria José de. **Os sertões e os (des)caminhos da mudança social no Brasil**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 13(2): 201-226, novembro de 2001.

relações sertanejas. No entanto, não é a perda de sentido religioso que caracteriza as narrativas de Guimarães Rosa, ao contrário, é esta dicotomia entre tradição e modernidade que ali se apresenta, este duelo entre razão e sentimento que ali é retratado. Assim, na medida em que o sertão é humano, surge outra dimensão que marca sua presença do início ao fim na obra de Guimarães Rosa: o sertão sagrado. Com este, um tema central: a existência e presença do diabo, a luta constante entre o sagrado e o profano, que se transfiguram no interior do ser. No longo início do romance observa-se um sertão povoado pelas muitas estórias em torno do diabo. As manifestações do Sertão religioso aparecem como o grande enigma, o grande mistério. “O senhor vê aonde é o sertão? Beira dele, meio dele?” (ROSA, 2005, p. 451). Sem resposta, mas sempre à sua procura, reconhece **o quanto é pequena e insuficiente a nossa razão para alcançar o mistério do Sertão!** Não sei. Ninguém ainda não sabe. “Só umas raríssimas pessoas – e só essas veredas, veredazinhas” (ROSA, 2005, p.79). Este Sertão interior e exterior nos transcende. É o Sertão-Mistério.

[...] a sociedade moderna difere de épocas precedentes não só em termos das novas instituições e práticas de democracia representativa, da economia de mercado, da descoberta científica institucionalizada e do avanço tecnológico sustentado; ela não difere apenas em termos de princípios políticos e morais, em autenticidade, direitos, legitimidade política, igualdade e discriminação. A noção é de que, ao lado dessas mudanças, com elas vinculadas e em relação de apoio mútuo, há um conjunto de alterações na maneira pela qual passamos a imaginar a sociedade (...) No entanto, a modalidade mais forte de solidariedade que as pessoas de nossa época já sentiram é independente do Estado; é a de ‘nação’, de uma comunidade imaginada que é peculiarmente moderna (TAYLOR, 2000, p. 10).

Vale lembrar que o cientificismo e o positivismo incidiram como a base inicial para explicação dos fenômenos da modernidade, passando inclusive a ser o norte das análises sociológicas iniciais: “[...] o homem moderno com a tentativa de dominar tudo pelo próprio exercício da racionalidade e da subjetividade, colocará em xeque seu engajamento no mundo, com a noção de um eu neutro, desengajado e aparte do mundo (...).” (TAYLOR, 2000 p. 36).

Este modelo de ciência humana foi, inclusive, à base das interpretações sociológicas e políticas de boa parte de nossos intelectuais, cujo projeto republicano de nação foi o centro das explicações e justificações de nosso “atraso” e de nossa “incivilidade”. Simpatiza-se tanto com o herói como com o anti-herói; e sonha-se com um mundo em que se possa ser, num mesmo ato, um e outro. Esta é a confusão em

que finca raízes o naturalismo e o cientificismo. Essa perspectiva permite melhor compreender a obra *Os sertões* como fruto deste processo de modernidade, onde, inicialmente, o Estado republicano seria nosso guardião moral, capaz de defender a nação na figura de um forte exército contra a incivilidade dos jagunços, e Canudos, na figura de Antônio Conselho, o anti-herói moderno, mas ao mesmo tempo o herói de um povo esquecido, o sertanejo.

Ao pensar o homem situado no sertão e/ou na cidade ele construía os parâmetros dos estudos de sociologia no Brasil que, a partir de então, passam a lidar, de modo persistente, com os encontros e os desencontros, na maioria das vezes violentos, entre as duas civilizações ímpares que constituíam a vida nacional. O estudo de Euclides da Cunha sobre a guerra de Canudos procurou revelar o significado do embate entre duas civilizações bárbaras, ambas brasileiras, através, principalmente, da obra de Spencer. A impossibilidade da mudança social alinhavava as suas reflexões acerca das perplexidades, dos absurdos, dos desconhecimentos e das ignorâncias revelados, de uma só vez, por este embate entre os homens do litoral (leiam-se soldados, políticos, intelectuais, etc.) e os do sertão. (REZENDE, 2001, p. 206)²⁴.

Como destaca Habermas (1997), nas modernas sociedades industriais, os sistemas de conduta de ação racional solaparam as antigas bases de interação simbólica, restringindo este tipo de interação a enclaves marginais ou residuais. Os valores, as culturas, as tradições passam a estar subordinadas a questões de racionalidade humana. Em Teoria do Agir Comunicativo, pretendeu desenvolver uma “Teoria da Modernidade” calcada em um novo conceito de razão, a razão comunicativa, e em um novo conceito de sociedade, que integrasse o “sistema” ao “mundo vivido”, explicando os paradoxos ou patologias (dominação através da razão instrumental: mercado e Estado) da modernidade à luz do pensamento sociológico clássico e contemporâneo, indicando assim as possíveis vias de sua superação; a esfera da arte, autonomizada no espaço do mundo vivido, fornece uma contribuição inestimável para a interpretação e redefinição da modernidade. Por meio da literatura, o homem relaciona-se imaginariamente com a realidade histórica. Todavia, a literatura não é antagonista do real; ao criar um real imaginário, ela não deixa de representar um real verídico, existente. Na literatura, a realidade é criada ou recriada, inventada ou reinventada artisticamente por meio de figuras, metáforas, símbolos, alegorias.

²⁴ REZENDE, Maria José. **Os sertões e os (des)caminhos da mudança social no Brasil**. Tempo soc. vol.13 nº2 São Paulo Nov. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702001000200011. Acesso em: setembro de 2016.

[...] o romance “pode contribuir para iluminar”, a partir do relato de um partícipe do “mundo da jagunçagem, o modo como se estabeleceram as relações de poder vigentes no sertão brasileiro durante a República Velha, envolvendo fazendeiros, bandos de jagunços e milícias” (p. 324). Ao representar esse mundo, o romancista “deu voz às contradições e dilaceramentos do nosso país, cuja imagem como um espaço em que o processo de modernização nunca se deu de maneira homogênea” (p. 324). Guimarães Rosa expõe, dessa forma, as contradições nacionais e mostra que o arcaico não é sobra do passado, mas configura-se no presente como “corolário do projeto de modernização do país”. (LEONEL & SEGATTO, 2007, p. 4)²⁵.

A modernidade somente será compreendida em toda a sua complexidade, suas potencialidades e patologias, fornecendo-se um modelo interpretativo que abranja os dois aspectos da modernidade (a modernidade cultural e a modernização societária). Por essa razão, o "culto" da razão comunicativa no interior do mundo vivido, passa a ser um componente estrutural necessário para impedir a paralização e consolidação de estruturas da modernidade com características patológicas (FREITAG, 1993)²⁶.

2.2A linguagem da modernidade como justificativa para a ideologia do atraso

Esse empenho a que aludimos, de tomar a sociologia como instrumento para compreender o Brasil, com base na linguagem da razão, foi desenvolvida de forma acrítica e dogmática, seguindo o caminho de pressupostos ideológicos e empíricos americanos e europeus. Os defensores das teorias da "modernização" muitos deles marcados, de forma consciente ou não, pelo etnocentrismo e pelo estreito evolucionismo linear que postula sempre a mesma forma de passar do "tradicional para o moderno". Assim, emerge a seguinte questão: **em que sentido a modernização própria das sociedades ocidentais pode ser compreendida como um processo de racionalização cultural e social, tendendo a propagar-se universalmente, e servir como base para compreensão da sociedade brasileira?**

No que tange ao contexto brasileiro, a razão passa a ser conceito básico da ciência, da sociedade e das organizações. Ela prescreve como os seres humanos devem ordenar sua vida pessoal e social (GUERREIRO RAMOS, 1981, p.23). Esta maneira de agir e de se relacionar, com base nos preceitos da razão, adentra-se em

²⁵ LEONEL M. C.; SEGATTO J. A.. **Euclides e Rosa entre sociologia e literatura**. Setembro de 2007. Disponível em: <http://www.acessa.com/gramsci/?page=visualizar&id=778>. Acesso em: setembro de 2016.

²⁶ FREITAG. Bárbara. **Habermas e a Filosofia da Modernidade**. Perspectivas, São Paulo, v.16, 1993.

nossas instituições sociais, a partir do projeto liberal importado dos moldes europeus e americanos de sociedade democrática. Mas Guerreiro Ramos visualizava na expansão do mercado a raiz do processo de despersonalização do ser humano na modernidade e via na industrialização brasileira o esvaziamento das esferas afetivas e culturais aqui existentes.

Há uma perspectiva, nos interpretes clássicos do Brasil, de que a modernidade, representada pela cultura do homem do litoral, traria a civilidade, o progresso e a ordem frente aos anseios afetivos, pessoais e paternalistas de um Brasil agrário. A urbanização seria a possibilidade de mudança social ou as condições sociais da industrialização funcionariam como focos de análise da estrutura da sociedade brasileira. Observa-se nos escritos de José Bonifácio de Andrada, em *Projetos para o Brasil*,²⁷ que há uma sincronização do Brasil com o Ocidente, que se dá por meio do uso da linguagem da razão e do interesse. Jessé Souza (1998)²⁸ destaca que estes primeiros interpretes, que produziram suas obras no início do século XX, procuram interpretar o Brasil na sua especificidade cultural, através da comparação implícita ou explícita com os EUA. Segundo tal autor, havia uma crença, em Sérgio Buarque de Holanda, em contrapor cordialidade à civilidade. O homem cordial seria para a antipersonalidade por excelência, pois ele “é concebido como negatividade pura, entidade amorfa, dominada pelo conteúdo emotivo imediato e pela necessidade desmedida de reconhecimento alheio” (SOUZA, 1998, p.10). Dando continuidade a sua análise dos interpretes brasileiros, lembra que Raymundo Faoro vai perceber “a especificidade do atraso brasileiro a partir da herança portuguesa da transplantação de um aparato estatal patrimonialista, lá operante desde a Idade Média, para o Brasil.” (SOUZA, 1998, p.12). Outros teóricos brasileiros seguiram esta linha de interpretação, numa dicotomia de superação da tradição e validação da modernidade. Portanto, a formação brasileira e suas dualidades constitutivas evidenciam um mal-estar da intelectualidade nacional com o estatuto geral do moderno numa região onde este fenômeno não era originário.

Rubem Barboza Filho pontua ainda que a República se estabiliza em torno de “um pacto oligárquico substituindo a função arbitral do imperador na querela entre

²⁷ ANDRADA, José Bonifácio. **Projetos para o Brasil**. Companhia das Letras, São Paulo. 2000.

²⁸ SOUZA, Jessé. **A ética protestante e a ideologia do atraso brasileiro**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 13 nº38, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000300006. Acesso em: setembro de 2016.

elites, redistribui o poder entre as oligarquias e estabelece para o poder central, para o Estado Central, a tarefa de uma administração racional.” (2011, p. 37). Ao mencionar Oliveira Vianna, diz que, para este autor, havia, na sociedade brasileira, uma crença indevida no poder transformador da letra da lei e das instituições liberais, pontuando ainda que existe uma incompreensão da tradição.

Esse imaginário representa sertão como vastidão preocupante, por autores como Oliveira Vianna; como nação incompleta, permanente questão nacional, algo que ficou apenas atravessado, mas não dominado, como escreveu Raimundo Faoro; um lugar/coisa que resiste, distinto do litoral. Nessa resistência, povo e modo de vida do sertão, são pensados como parte de uma ordem social específica – a sociedade sertaneja – fruto do distanciamento transposto, na própria narrativa, pelo mediador, que enumera atributos do homem e da terra, estilo inaugurado por Euclides da Cunha. Um imaginário de sertão como habitat social, na estreita relação entre natureza e sociedade. Sertão-geografia, igual a sertão-sociedade.²⁹ (MORAES & OLIVA, 2013, p. 4).

Logo, o processo de modernização no Brasil vem por cima, pelo alto, acordado entre Estado e elites e ameaçaria assim o “mundo da vida”. As partes iniciais de *Os sertões* evidencia muito bem este discurso de atraso e a proposta de se analisar as questões sociais com base no positivismo e no *darwinismo* social. Mas as partes finais revelam outro Brasil, desolado e inumano, escondido há séculos dentro do sertão e cercado por uma natureza impositiva.

Para Rubem Barboza Filho (2011), esse imperativo de ruptura com a tradição teria se imposto desde então em nome do que se considerava ser a necessidade de sincronização do Brasil com o Ocidente, tido como moderno e movido pelas linguagens da razão e do interesse em seu processo de constituição. Ao falar dessa herança intelectual, refere-se à indiferença intelectual diante do sacrifício de gerações e gerações de brasileiros que construíram suas vidas e interpretações guiadas pela linguagem dos afetos. Essa indiferença, em sua visão, orientaria nossa comunidade intelectual em seu empenho de construir uma sociedade futura, plenamente moderna e comandada pelas linguagens da razão e dos interesses.

²⁹ MORAES, M.; OLIVA P., **Etnografando o sertão-mundo de João Guimarães Rosa** (Antropologia e Literatura em Grande Sertão: Veredas) Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_1338.pdf. Acesso em: setembro de 2016.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfatiza-se assim, um novo olhar sobre nosso passado e nossas relações coloniais, democratizantes em que a dimensão expressiva da linguagem dos afetos deve ser considerada, haja vista que a mesma valoriza o código dos sentimentos como mecanismo central para a produção de subjetividades políticas, afastando-se do código dos interesses que organizaria a sociedade mercantil-burguesa. Propomos, neste trabalho, partir dela para construir outra concepção da relação entre indivíduo e sociedade, não mais pautada pela economia moral do liberalismo, mas sim pela possibilidade de constante reatualização do mundo da tradição. Este olhar da linguagem dos afetos, presentes nas obras literárias analisadas, nas constantes descrições da literatura do sertão, num recorte feito aqui através das obras de Euclides da Cunha e de Guimarães Rosa, permite reconhecer a dimensão dialética desse processo, a partir do qual se criam condições para uma reflexão teórica mais autônoma sobre as dinâmicas entre Estado e sociedade.

Construir uma nova teoria sociológica que incorpore as geografias do mundo agrário, no caso, do universo do sertanejo, passa a ser fundamental para o entendimento das formas de dominação que ocorreram em uma sociedade como a brasileira, e mesmo as resistências que se deram neste patamar. Pares como "Brasil real - Brasil legal" e "sertão-litoral" são descritos, na obra de Euclides da Cunha, como modos típicos de falar do país e de seus desajustes com o mundo moderno. É possível visualizar, em *Os sertões*, uma ambiguidade constitutiva nessa linguagem sertaneja, sempre oscilante entre o elogio da autenticidade e a denúncia do atraso. Por outro lado, essa imaginação sertaneja literária e seu potencial crítico universal são interpelados a partir da obra de Guimarães Rosa, nas descrições das angústias do homem perante as inconstâncias da estrutura social: "a ficção de Rosa contribuiu para o próprio baralhamento entre rural e urbano, evidenciando assim que o sertão opera exatamente como esse espaço liminar de discurso, a partir de onde se faz a crítica das formas assumidas pelo moderno no país." (MAIA, 2009, p. 165)³⁰.

Ao mesmo tempo que a literatura tradicional do início do século XX trazia este enredo da linguagem da razão, da modernidade, da civilização, presentes em obras

³⁰ MAIA, João Marcelo. **Pensamento brasileiro e Teoria Social: notas para uma agenda de pesquisa**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 24, nº 71, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v24n71/v24n71a11.pdf>. Acesso em: setembro de 2016.

como a de Monteiro Lobato – Jeca Tatu, a literatura e as expressões artísticas de depois de meados do século XX já trabalhava com um realismo crítico, de denúncia do atropelamento da civilidade frente a identidade de determinados grupos brasileiros que representavam a tradição. Quando pensamos no papel das instituições sociais e políticas brasileiras durante este momento de transição e associando suas concepções interpretativas com os relatos dos autores literários, podemos visualizar conflitos, estigmas, ideologias e pressupostos acerca do que se constituiu o Estado Republicano brasileiro. Para tanto, ao tomar conceitos fundamentais, estudados ao longo de um curso de Teoria Social, **pode-se desenvolver uma tentativa de concatenar a tradição sociológica com a descrição literária**, para melhor compreender os entraves que perduram há séculos na formação de nossa identidade. E é justamente a partir da constituição de laços (os nós de Taylor), de conversas reflexivas (conversas internas de Archer), de agir comunicativo (Habermas) ou por meio da tradução (via análise de Gadamer), ou a concepção de segunda natureza (Bildung de McDowell), é que somos, enquanto seres humanos, capazes de reinventar (Roy Wagner) nossos laços sociais para sobreviver a tantas inconstâncias, fraturas, conflitos e dualidades.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

- BARBOZA FILHO, R. **Brazil and the Languages of Modernity**. In: Francisco Colom González; Ángel Rivera. (Org.). *The Traditions of Liberty in the Atlantic World. Origins, Ideas and Practices*. 1ed. Leiden, Holanda; Boston, EUA: Brill, 2015, v. 1, p. 15-42.
- CANDIDO, A. O homem dos avessos. In: Id. **Tese e antítese**. 3. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1978. p. 119-39.
- CERQUEIRA FILHO, Gisálio, **Emoção e Política**. Porto Alegre: Sérgio Fabris Editor, 2000.
- DRUMOND, Josina Nunes. **As Dobras do Sertão: palavra e imagem – O neobarroco em Grande Sertão Veredas, de Guimarães Rosa, e Imagens do Grande Sertão, de Arlindo Daibert**. São Paulo: Annablume, 2008.
- GUERREIRO RAMOS. **A redução sociológica**. 3 ed. Rio de Janeiro. UFRJ, 1996.
- REZENDE, Maria José de. **Os sertões e os (des)caminhos da mudança social no Brasil**. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo*, 13(2): 201-226, novembro de 2001.
- TAYLOR, CHARLES. **Argumentos Filosóficos**. São Paulo: Loyola, 2000.